

Experiências da Lua Nova

Vol. 01

Lua Nova

Lua Nova

A trajetória da Associação Lua Nova, um projeto de parceria com jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA
José Alencar Gomes da Silva

MINISTRO-CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL E
PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS
Jorge Armando Felix

SECRETÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS
Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa

SECRETÁRIA ADJUNTA E RESPONSÁVEL TÉCNICA PELA SECRETARIA
NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS
Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte

COORDENADOR GERAL DE PREVENÇÃO
Aldo da Costa Azevedo

ASSESSORAS TÉCNICAS
Cíntia Tângari Wazir
Janaina Bezerra Nogueira

SECRETARIO ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA
Paulo de Tarso Vannuchi

SUBSECRETÁRIA DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO
ADOLESCENTE
Carmem Silveira de Oliveira

PROGRAMA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
Leila Regina de Souza

Experiências da Lua Nova

Vol. 01

Lua Nova

A trajetória da Associação Lua Nova, um projeto de parceria com jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social



**Secretaria Nacional
de Políticas sobre Drogas**

**Secretaria Especial
dos Direitos Humanos**



Brasília, DF
2008

VENDA PROIBIDA. Todos os direitos desta edição reservados à SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS - SENAD. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.

Direitos exclusivos para esta edição:

**Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
- SENAD**

Esplanada dos Ministérios
Bloco A - 5º andar - Sala 523
Brasília- DF CEP: 70 054-906
e-mail: prevencao@planalto.gov.br

Edição: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

ISBN: 978-85-60662-01-2

Tiragem: 3000 exemplares

Impresso no Brasil.

COORDENAÇÃO GERAL

Raquel Barros

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Ana Luiza Alarcon

Cristiane Oliveira

Maria Jose Siqueira

Marta Volpi

Raquel Barros

Silvina Mojana

Stella Almeida

EDIÇÃO GERAL E REDAÇÃO

Immaculada Lopez

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Professor João Alvarenga

Edmar Crispim

PROJETO E EDITORAÇÃO GRÁFICA

Carlo Signorini

Helison Oliveira

AGRADECIMENTOS

Dr. Paolo Stocco

Drª. Nicoletta Capra

Drª. Patrizia Cristofalo

Dr. Efrem Milanese

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Associação Lua Nova

Lua Nova : a trajetória da Associação Lua Nova, um projeto de parceria com jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social / Associação Lua Nova. – Brasília, DF : Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2008.

48p. : il. -- (Experiências da Lua Nova, v.1)

Nota: obra elaborada em convênio com a Associação Lua Nova.

ISBN: 978-85-60662-01-2

1. Associação Lua Nova. 2. Reinserção social. 3. Mulher. 4. Uso de drogas – prevenção. 5. Mãe adolescente.

CDU 364.442-055.2

A8491

SUMÁRIO

PREFÁCIO	06
QUEM É A LUA NOVA.....	09
MISSÃO E VISÃO.....	09
NASCE A LUA NOVA.....	11
LINHA DO TEMPO.....	14
QUEM FAZ A LUA NOVA.....	17
A REDE	22
ESTRATÉGIAS DE AÇÃO.....	24
ESSÊNCIA DA LUA NOVA – COMO FAZEMOS	27
CAMINHO CERTO?.....	37
BIBLIOGRAFIA	41

Asistematização de metodologias adequadas e o apoio a projetos inovadores, considerados boas práticas, são ações importantes para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes e para a prevenção do uso de drogas, tratamento e reinserção de populações em situação de vulnerabilidade social.

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD e a Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH têm investido no apoio, sistematização e disseminação de práticas inovadoras de atendimento humanizado e integrado em rede, voltados para diferentes públicos, com foco especial em crianças e adolescentes. Nesse contexto, a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova desenvolveu uma metodologia reconhecida como experiência bem sucedida e inovadora, na medida em que colabora efetivamente com a reinserção social de jovens mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade, incluindo a dependência de drogas e a violência sexual.

O trabalho desenvolvido pela Lua Nova permite que as jovens possam se inserir na comunidade e na Associação como parceiras, e não como assistidas. Aos poucos, as jovens vão percebendo que possuem potencialidades, que têm muito a ensinar, a contribuir, e não apenas a receber. O objetivo é mobilizar as jovens para que enfrentem a vida cotidiana de modo responsável, assumam as dificuldades e convivam com as contradições, sem fugir ou submeter-se passivamente.

A metodologia Lua Nova foi sistematizada pela SENAD, em 2007, a partir de uma parceria com a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova, originando a publicação “Experiências da Lua Nova”. Restava, então, disseminá-la aos municípios brasileiros.

A SENAD, a SEDH e a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova, considerando a particularidade do momento histórico, em que se comemoram os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os 18 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, os 10 anos da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e a realização do III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, assumiram conjuntamente a disseminação da metodologia Lua Nova para alguns municípios brasileiros contemplados pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. Essa ação está pautada no entendimento de que o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, a redução da demanda de drogas e a reinserção social de populações vulneráveis exigem esforços conjuntos do Estado e da sociedade civil organizada.

Esses esforços compõem a luta e mobilização da sociedade brasileira como instrumento fundamental para a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes em nosso país. Cuidar da infância e adolescência brasileiras é dever de todos os brasileiros e esperamos que a experiência apresentada indique possibilidades nesse caminho.

O objetivo desta sistematização não é criar um “guia”, no estilo “faça como eu faço”, mas uma fonte de inspiração para que os interessados possam conhecer e desenhar seus projetos tendo como referência um exemplo bem sucedido.

A sistematização da experiência da Associação Lua Nova é apresentada em um Kit composto de 4 livros que explicam os princípios teóricos e metodológicos do trabalho dessa Instituição e contêm os seguintes temas:

1. **Lua Nova:** são apresentados os princípios e caminhos essenciais da experiência Lua Nova, que pode servir de referência para outras ações de enfrentamento do uso de drogas.
2. **Novos Vínculos:** é enfatizada a necessidade da criação e fortalecimento de vínculos no processo de tratamento e acolhimento das jovens usuárias de drogas e seus filhos.
3. **Mãos Criativas:** neste volume são abordados os esforços da equipe e das jovens usuárias de drogas no desenvolvimento de habilidades e competências a fim de se profissionalizarem e gerarem renda.
4. **Redes Comunitárias:** neste volume, enfatiza-se a necessidade de criar redes sociais saudáveis e acolhedoras a fim de tornar duradouro o trabalho desenvolvido durante a permanência das jovens mães e seus filhos na residência Lua Nova, assim como criar um processo de desenvolvimento sustentável nas comunidades que, além de acolherem as jovens e seus filhos, descobrem seu poder de agente transformador.

Esperamos que esta publicação inspire muitos e que a rede de atenção às jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social, do nosso país, possa ser ampliada e fortalecida.

*Subsecretaria de Promoção dos
Direitos da Criança e do Adolescente*

Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas



QUEM É A LUA NOVA

Associação Lua Nova atende a jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social. Criada em 2000, a Lua Nova é uma iniciativa não-governamental, com sede em Sorocaba (SP). Desenvolvemos e experimentamos diferentes técnicas e práticas de inserção social das jovens, incluindo ações de geração de renda, trabalho, redução de danos e desenvolvimento comunitário.

MISSÃO

Resgatar e desenvolver a auto-estima, a cidadania, o espaço social e a auto-sustentabilidade de jovens mães vulneráveis, facilitando sua inserção como multiplicadoras de um processo de transformação de comunidades em risco.

VISÃO

Transformar-se em um centro de referência em inserção social e desenvolvimento local pelos métodos terapêuticos utilizados.

As jovens e seus filhos vêm morar na residência Lua Nova por um período médio de nove meses. Nossa objetivo é construir uma relação de parceria com elas para que possam redescobrir seus valores morais e éticos e retomar sua cidadania. Investimos na relação mãe-filho, como base de um projeto de vida mais feliz para ambos.

Desde o início, as jovens residentes e suas crianças também são estimuladas à vida em comunidade - fundamento básico ao estabelecimento de vínculos sociais. Diversas atividades oferecidas pela organização incluem a comunidade local. O princípio é propiciar a interação do binômio comunidade - jovens mães, facilitando o desenvolvimento saudável de laços sociais e, assim, fomentar valores como respeito e cidadania.

Compreendemos a situação de risco como consequência de violações de direitos, que não foram adequadamente enfrentadas. A existência



de programas efetivos evita que a situação de risco se prolongue e cria condições para que a adolescente não experimente uma nova gravidez nessas condições.

Em busca de um novo projeto de vida, propomos que as jovens construam novos vínculos - com seus filhos, com outras jovens, com a comunidade e com elas mesmas. Em especial, desenvolvemos atividades que proporcionem a vivência de experiências que possibilitem a convivência prazerosa entre mãe e filho (vice-versa), colaborando com a superação dos conflitos e rejeições.

A elaboração da proposta político-pedagógica nos auxilia a posicionar-nos frente à sociedade, nossos parceiros e o Poder Público. Todas as ações do projeto são colaborativas, entre ONGs, comunidade, Poder Público, iniciativa privada e população atendida. Por meio de trocas e parcerias, estamos em constante revisão do nosso agir, auxiliando na criação de métodos mais eficazes e na elaboração de políticas públicas.



NASCE A LUA NOVA

ALua Nova foi criada em janeiro de 2000, na cidade de Araçoiaba da Serra, no interior paulista, por iniciativa da psicóloga brasileira Raquel Barros. Mas, podemos dizer que sua história começou já em 1984, em Veneza (Itália), com o trabalho da Comunidade Villa Renata.

A Villa Renata atende jovens dependentes de drogas, funcionando como um Centro de Pronto-Acolhimento. É administrado por uma associação de familiares com o apoio da Prefeitura de Veneza. Uma das suas principais estratégias é atuar em parceria com os serviços públicos e associações voluntárias, de maneira a estabelecer relações de colaboração e de complementaridade no programa terapêutico.

O atendimento enfatiza a quebra do isolamento e propõe o enfrentamento da realidade na qual o jovem está inserido. Nessa proposta, a comunidade tem importância fundamental, uma vez que avalia continuamente o processo de mudança dos jovens. É proposto que enfrentem a vida cotidiana de modo responsável, assumam as dificuldades e convivam com as contradições, sem fugir ou submeter-se passivamente.

Os educadores e terapeutas da Cooperativa Villa Renata estabelecem vínculos indispensáveis para que os jovens repensem a própria vida. Aceitar os novos modelos de vida propostos por



POR QUE LUA NOVA?

Todos perguntam: por que Lua Nova? Já que é exatamente a “não Lua”. Respondemos que é um engano: a Lua Nova está lá, só que não se vê. Justamente, o nome Lua Nova nasce da vontade de mostrar, ao mundo, as jovens, seus filhos e seus talentos que não são vistos, ou pior, que as pessoas não querem ver. É o que queremos: tornar visível o que não se vê, mas existe.

meio do caminho comunitário, desmontar o estilo anterior de vida e, portanto, mudar e crescer em direção a uma autonomia progressiva exige vontade e convicção.

A experiência dos primeiros anos da Villa Renata mostrou que mulheres com filhos apresentavam características significativamente diferentes de outras populações em situação de risco, tais como: dificuldade em saber colocar limites e garantir apoio e segurança ao filho, instabilidade de sentimentos e emoções por parte da mãe, muitas oscilações na afetividade, pouca estimulação entre mãe e filhos, cuidados básicos precários.

Foi, então, fundada, em 1996, com a participação de Raquel Barros, a Casa Aurora – uma comunidade na qual as mulheres permanecem com seus filhos durante o tratamento.

Também sediada em Veneza, a Casa Aurora já atendeu dezenas de mães usuárias de drogas e seus filhos, com 70% de sucesso no atendimento. Essa conquista levou a instituição a expandir seu trabalho, por meio do apoio a outras associações. A Associação Lua Nova foi, então, implementada no Brasil, inspirada nos resultados e metodologias da Casa Aurora e com o apoio da Cooperativa Villa Renata.

O desafio de reeditar essa experiência, na nossa realidade social e cultural, na qual as condições de vida das jovens e o acesso a serviços

são muito diversos da experiência italiana, tem exigido a busca criativa por novas soluções e estratégias. Entre as principais diferenças enfrentadas para a execução da metodologia, no Brasil, estão: os tipos de drogas utilizadas, a escassez de recursos comunitários (creche, escola, saúde, transporte etc), a fragilidade das estruturas familiares de apoio e a menor disponibilidade de recursos de financiamento institucional.



COMO TUDO COMEÇOU

Lua Nova nasceu da vontade e do sonho de poder “dar à luz” mães, que até então eram marginalizadas, e filhos que estavam fadados ao mesmo fim. Eu imaginei que seria fantástico dar a possibilidade a estas jovens de serem mães e a estas crianças de serem filhos.

Começamos com muita coragem, vontade e determinação, mas percebemos que o nosso sonho somente seria realizado após uma cuidadosa gestação e um acompanhamento constante de todas as fases das quais nosso “bebê” necessitaria passar antes de nascer.

Um sonho muito bonito, mas muito delicado e complexo. Afinal, nossa proposta metodológica não se propõe normatizar a vida da jovem em risco social, mas sim possibilitar a ela estabelecer comparações, hierarquizar riscos e, então, ter a liberdade de fazer suas opções. O respeito pelas escolhas e desejos impõe-se como valor fundamental.

Não nos propomos a apontar à jovem qual é a sua falta, o que ela não sabe ou o que julgamos ser o melhor para sua vida, e sim proporcionar espaços para que ela possa descobrir e refletir acerca de seus desejos e motivações e, assim, construir, com o suporte da equipe da instituição, formas de concretizá-los.

O método foi trazido de Villa Renata, na Itália, mas desde o início eu percebi que seria muito difícil replicá-lo, pois as condições de vida das mães brasileiras são extremamente adversas. Apesar de milhões de dúvidas, continuei a proposta. Lembro-me de que passei noites sem dormir com muito medo, pois eu estava mexendo com vidas. Precisei imaginar um método possível e que estivesse ao alcance de todos e, principalmente, ao meu alcance. As pessoas precisavam confiar e acreditar que aquilo daria certo. E eu não tinha certezas.

Tudo era muito novo e eu não sabia bem aonde ia chegar. Sabia, porém, que uma das melhores soluções para o sofrimento é o acolhimento, nos seus variados modos. Apostei no afeto. O primeiro ano foi difícil e parecia que entrava água no barco por todos os lados, mas a vontade de que ele não afundasse era tanta que surgiam idéias mirabolantes para superar as dificuldades.

Depois de um ano e meio, participei do aniversário da filha mais velha de uma das residentes – fruto de um estupro que a mãe sofreu aos 11 anos. E vi aquela mãe que, quando chegou, “odiava” a sua filha, guardar dinheiro, comprar uma bicicleta, fazer salgadinhos, cantar parabéns e chorar, chorar muito. Todos nós choramos. Ali percebi que o caminho era aquele. Logicamente, ainda, havia muito por ajustar e acrescentar, mas com certeza o caminho era aquele.

O sonho precisava crescer e, neste momento, necessitávamos fazer com que nossas mães passassem de assistidas a formadoras e multiplicadoras de idéias e tecnologias, aumentando sua renda mensal e sua auto-estima.

Como primeira experiência de profissionalização, Lua Nova estruturou a “Oficina Criando Arte”, profissionalizando e gerando renda por meio do desenvolvimento, produção e venda de bonecos e jogos que estimulam a relação mãe e filho.

Os anos passaram e o projeto cresceu nas suas propostas de ação e também nas suas ambições, um dia visitei uma mãe, ex-residente da Lua Nova, já em sua casa (alugada) e percebi que ainda tínhamos muito a desenvolver. Esta mãe, apesar de trabalhar, cuidar de seus filhos e de ter encontrado espaços sociais jamais imaginados, estava em risco, pois morava mal, em condições insalubres e inaceitáveis.

Jovens, mulheres, pessoas de baixíssima renda começaram a nos procurar e mostrar sua necessidade, vontade, garra de lutar por sua dignidade, também por meio da construção de suas casas. Começamos a buscar uma tecnologia de construção civil por jovens mulheres.

Percebemos, então, que mais do que um espaço de geração de renda, essa iniciativa podia ser um projeto de transferência de tecnologia, fazendo com que as jovens não somente construissem suas próprias casas, mas também oferecessem a pessoas como elas a possibilidade de habitar em seus sonhos. Em 2005, as primeiras casas ficaram em pé. Isso foi mais um impulso para seguir o caminho.

Raquel Barros, psicóloga, fundadora e diretora da Associação Lua Nova.



Lua Nova

Reconhecimento

2003

Início da ação de rua, atenção nas comunidades.

Início do projeto de Redução de Danos.

Finalista do Prêmio Brazil Foundation com o Projeto de Formação de Agentes Multiplicadores.

2002

Inauguração da Casa das Criancinhas.

Início do projeto Buffet Escola.

Vencedora do Prêmio Criança 2002, da Fundação do Adolescente

2001

Criação da República Lua Crescente, no centro de Sorocaba.

Criação da Oficina Criando Arte na Comunidade Lua Nova.

Finalista do Prêmio Empreendedor Social Ashoka/ McKinsey.

2000

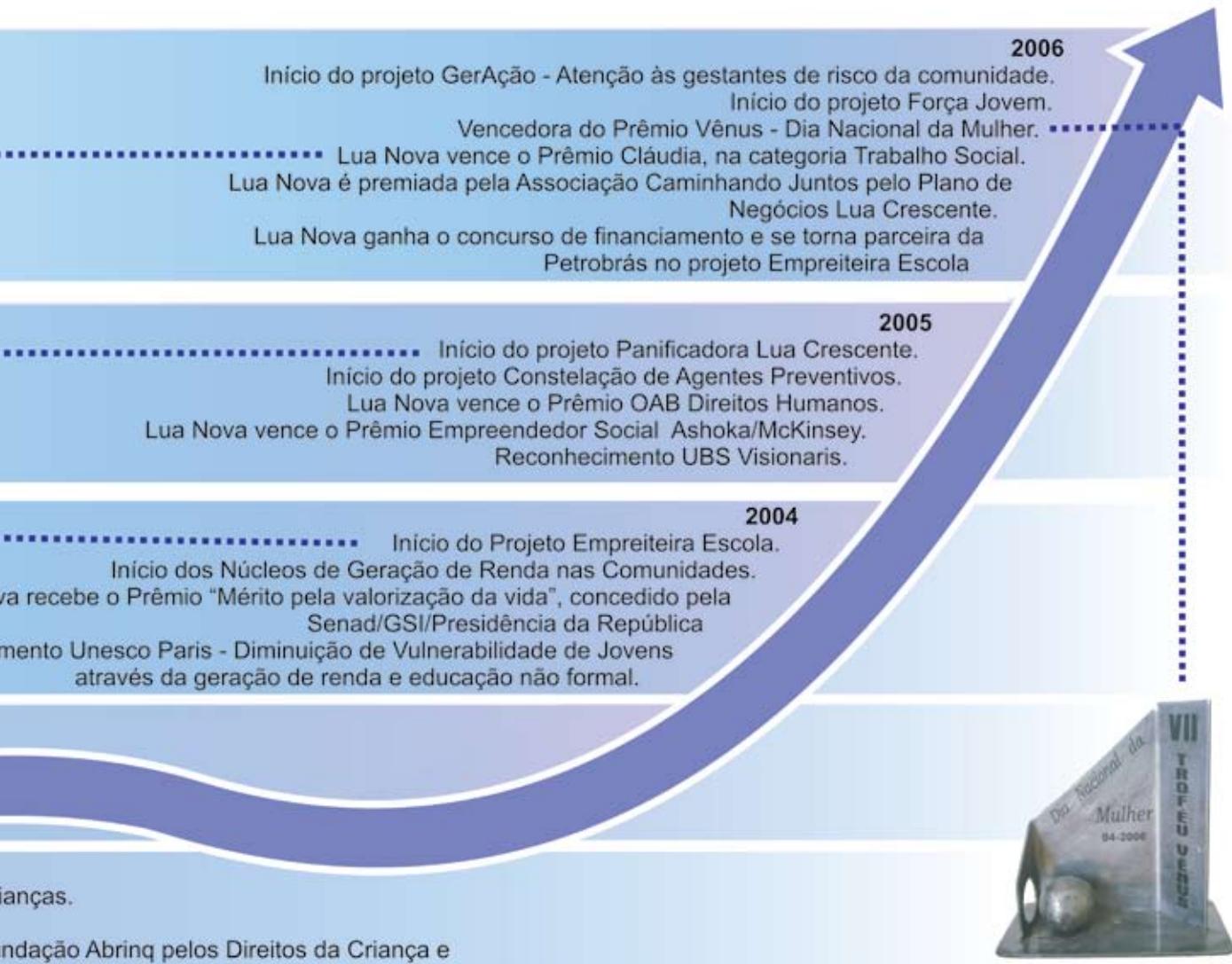
Criação da Associação Lua Nova e inauguração da Comunidade Lua Nova, em Araçoiaba da Serra (SP).

1996

Criação da Casa Aurora, em Veneza (Itália).

1984

Criação da Villa Renata, em Veneza (Itália).



ianças.
ndação Abrinq pelos Direitos da Criança e

(SP).

Lua Nova





QUEM FAZ A LUA NOVA

AS JOVENS

As jovens residentes da Lua Nova não são consideradas assistidas do projeto, mas parceiras essenciais para que o trabalho aconteça. Entre 13 e 18 anos, nascidas em diferentes cidades do país, têm em comum uma história de exclusão em relação à família, à escola, ao mercado de trabalho, vivendo em situação de violência, de rua, uso de drogas ou prostituição.



A EQUIPE

Com perfis, trajetórias e formações variadas, os funcionários e colaboradores da Lua Nova compõem uma equipe diversa e, por isso, complementar, com quem a jovem estabelece relações diferenciadas e significativas.

São médicos psiquiatras, infectologistas, pediatras, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, artistas, comunicadores, administradores, advogados, estudantes universitários, educadores de rua, educadores comunitários, professores, jovens ex-residentes, profissionais do sexo, usuários e ex-usuários de drogas.



A área **administrativa** tem a função de mobilizar e assistir todos os projetos. É necessário que pessoas dinâmicas e com conhecimentos em diferentes áreas estejam prontas para resolver qualquer questão. Encontram-se aqui: administrador, contabilista, comunicadores, advogada e auxiliares.

A equipe dos **núcleos comunitários** trabalha diretamente com o público atendido, promovendo oficinas, incentivando o empreendedorismo e despertando talentos em diversas áreas. Fazem parte desta equipe: assistentes sociais, psicólogos, médicos, psiquiatras, educadores sociais, educadores pares (ex-atendidos fora de risco) e líderes comunitários.

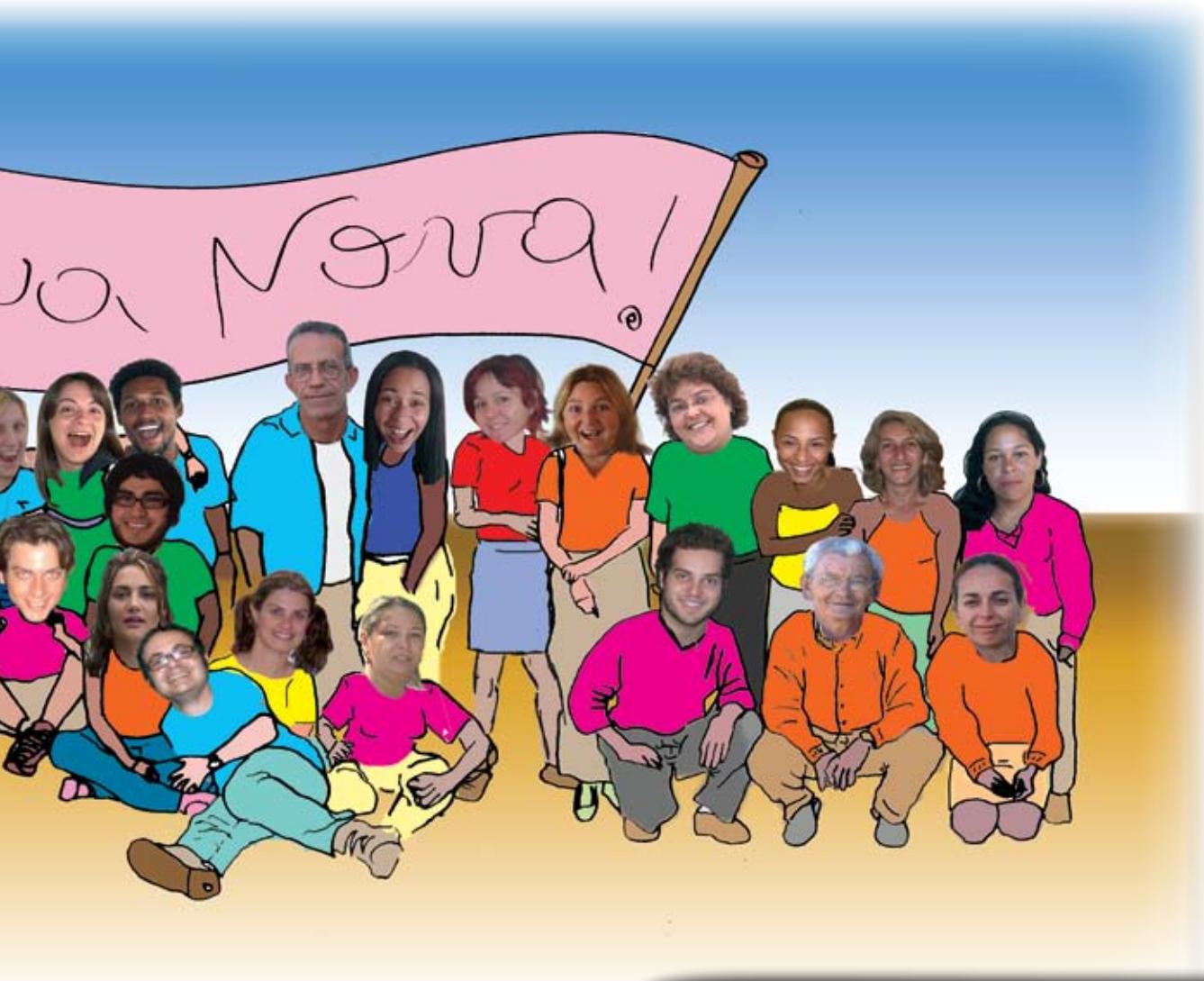
O **CAPS AD** e a equipe de **redução de danos**, composta de psicólogos, assistente social, redutores, médicos, enfermeiros e administrador, realizam ações nos bairros periféricos de Sorocaba, informando sobre danos e proteção aos usuários de drogas, profissionais do sexo e a população de risco em geral.

A **central de vendas** é coordenada por uma ex-residente que teve a iniciativa de unir a divulgação e gestão das vendas de todos os projetos de geração de renda em um único lugar, as vendas diretas muitas vezes são realizadas pelas residentes que, desta forma, ganham mais uma experiência de trabalho.

Na **residência da Lua Nova**, a psicóloga, a coordenadora e as educadoras trabalham com as jovens mães conceitos de responsabilidade, maternidade e cidadania, por meio de afazeres domésticos, cooperação e interação com a comunidade situada ao redor da Lua Nova e orientação sobre direitos e deveres das mesmas.

Os **projetos de geração de renda** (*Criando Arte, Empreiteira Escola e Panificadora Lua Crescente*) provêem recursos às meninas, estimulam a criação de métodos de confecção e produção de novos produtos, para isso são necessários coordenadores que incentivem sempre o trabalho em equipe entre os diversos profissionais, como nossa assistente social, artista plástica, costureira, culinária e o mestre de obras.

Sempre obtivemos **auxílio de pessoas externas** à nossa instituição, por meio de parceiros ou voluntariado. Independente do tempo que aqui permanecem, elas enriquecem nosso trabalho com seus conhecimentos, por isso somos eternamente gratos a todos.



PARCEIROS DA LUA NOVA

Éa parceria com a comunidade, com outras organizações sociais, além de empresas privadas e órgãos do Poder Público, que torna nossa ação possível. De recursos financeiros a colaborações técnicas, buscamos uma relação de troca com esses atores.

Ação Moradia

ACJ Brasil - Associação Caminhando Juntos

Alcoa

ASES - Associazione Solidarieta'e Sviluppo

Ashoka Empreendedores Sociais

Cáritas.Alemanha

Colégio Uirapuru

Consulado Geral da Alemanha

Cooperazione Italiana

Esamc

Facens

Fiesp

Governo do Estado de São Paulo

Grupo Splice

Instituto Beleza e Cidadania

Instituto WCF – Brasil

IRE - Asilo Manin

McKinsey & Company

Metso

Ministério da Saúde

Petrobras

Regione del Veneto

Sebrae

Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social/SP

Senai

Secretaria Nacional Antidrogas

Sesi

UnAIDS

Unesco

UNISO (Universidade de Sorocaba)

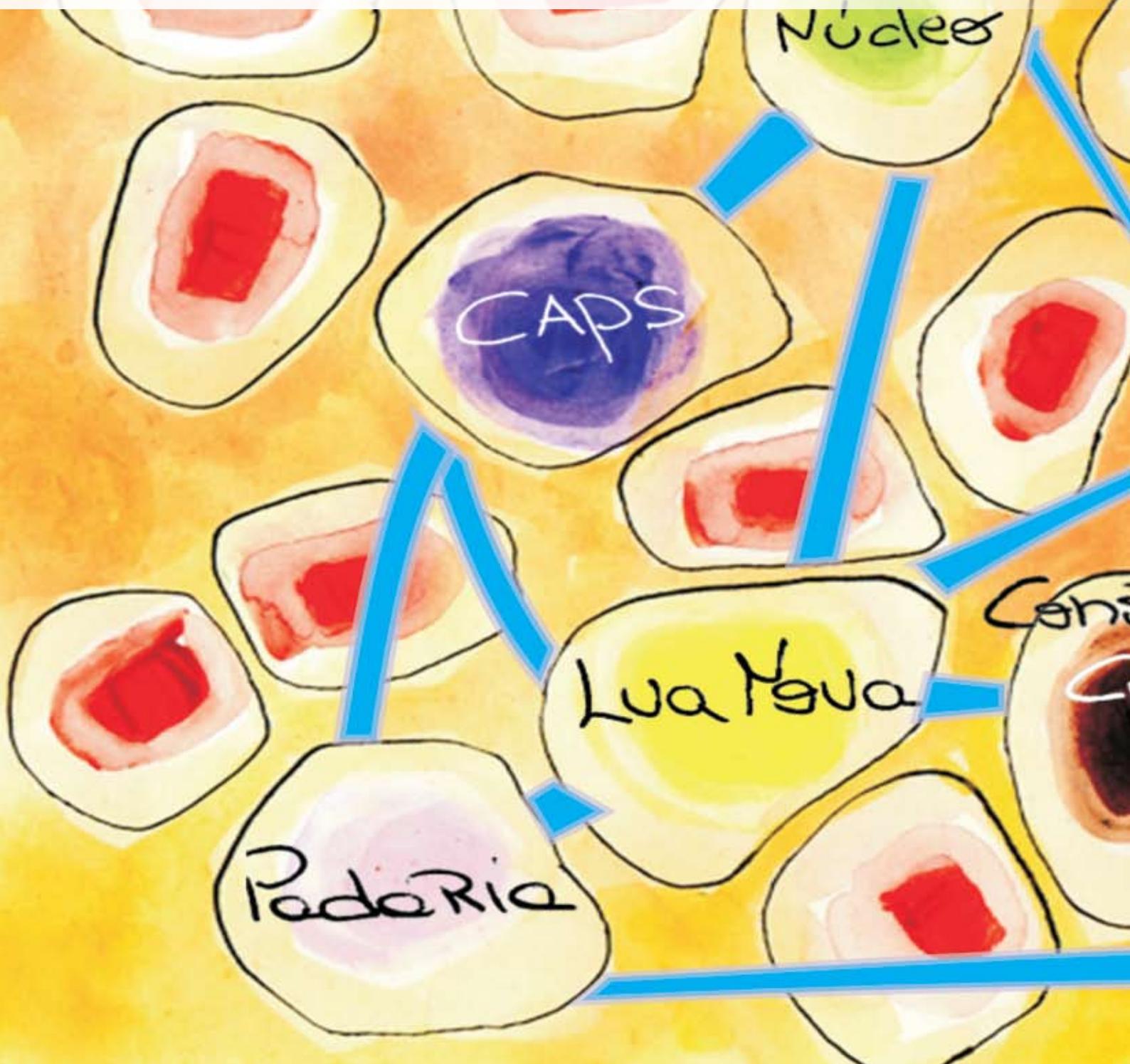
Villa Renata

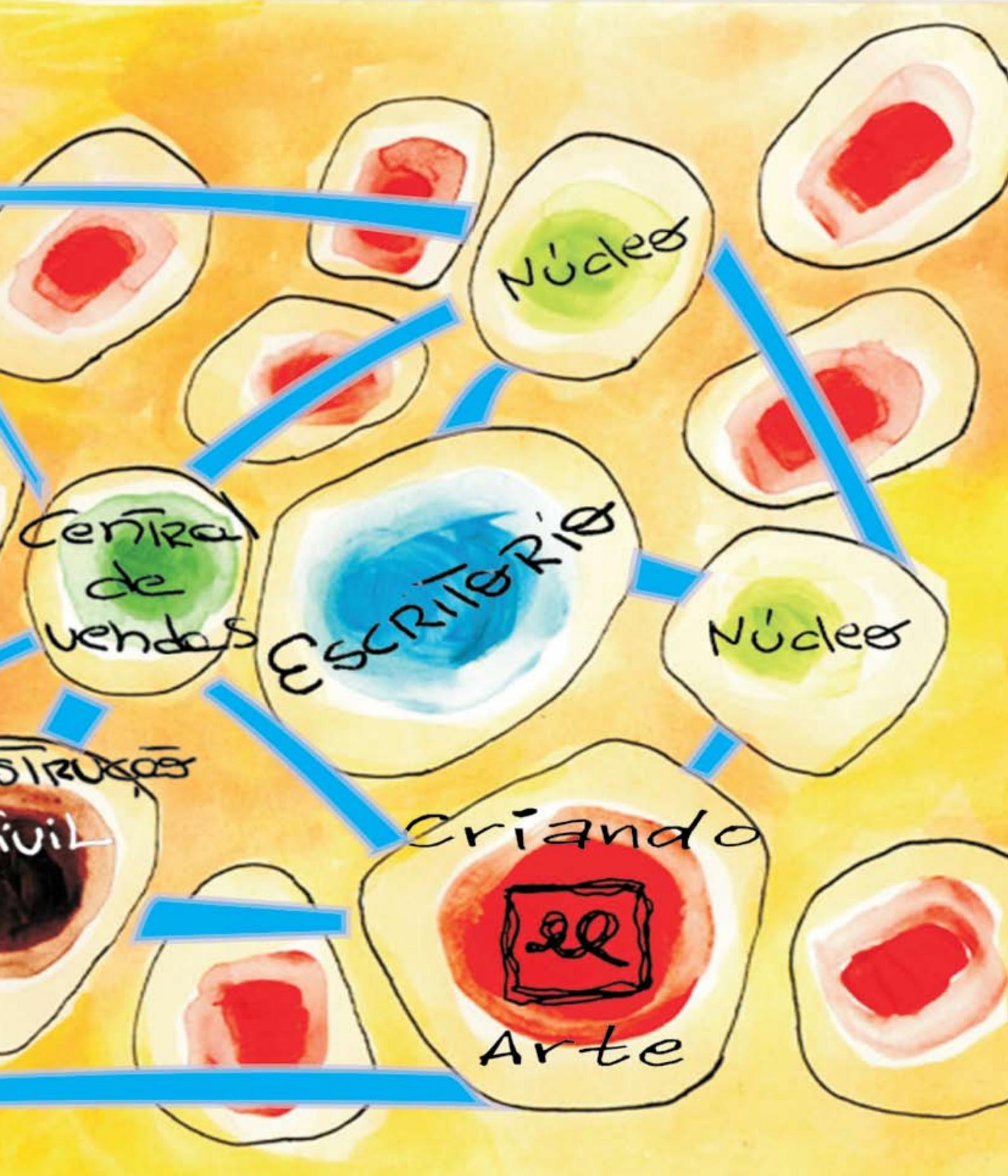
Wall Mart



A REDE

Todas as ações da Lua Nova estão articuladas em rede e seus objetivos são complementares. Assim, acreditamos atuar nos principais ciclos da vida das jovens e favorecer um enredo que possa ajudá-las a transformarem suas vidas.





24 ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

A Lua Nova atua em quatro principais estratégias de ação, integradas e complementares:

RESIDÊNCIA LUA NOVA

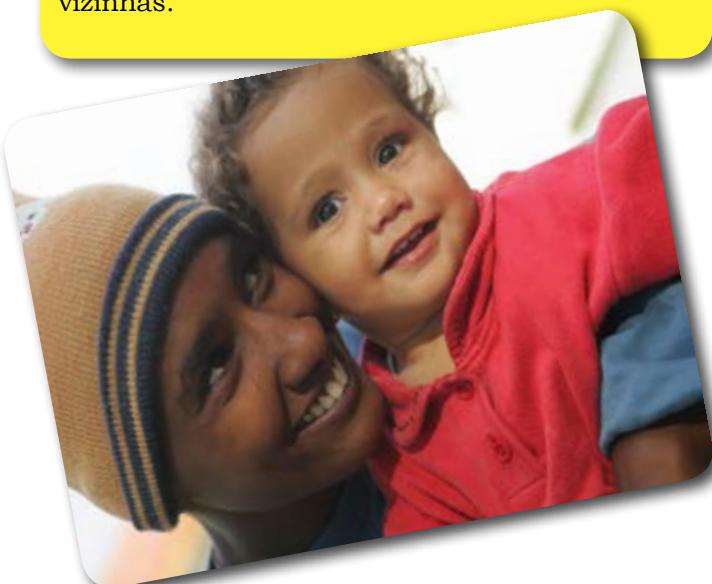
(O Vol. 02 desta coleção é dedicado a este tema)

Espaço de acolhida, residência e inserção social para jovens mães e seus filhos, em busca da construção de um novo projeto de vida conjunto. Destaque para:

Lua Nova: Etapa inicial do programa, objetivando a recuperação da auto-estima das residentes. As jovens e seus filhos têm direito à residência, alimentação, assistência médica, psicológica e educacional.

Lua Crescente: Momento seguinte do programa, que fomenta o planejamento da futura “vida em família” e encoraja os primeiros passos para a independência sócio-econômica das residentes.

Estrelas Coloridas: Programa que trabalha pela melhoria da qualidade de vida de crianças que residem na Lua Nova e nas comunidades vizinhas.



GERAÇÃO DE RENDA E TRABALHO

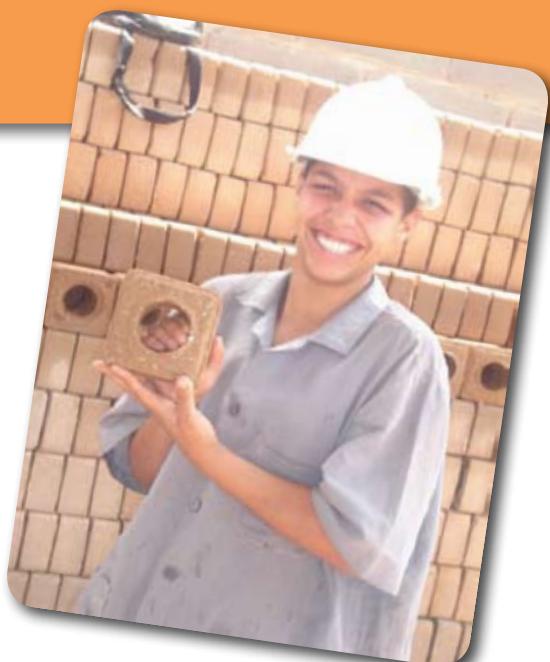
(O Vol. 03 desta coleção é dedicado a este tema)

Projetos de renda e trabalho para as jovens residentes como condição essencial para autonomia. Destaque para:

Criando Arte: Formação de costureiras e criação, desenvolvimento, produção e venda de bonecas e brindes com tecidos e outros materiais.

Empreiteira Escola Lua Nova: Criação de grupos femininos de construção civil para a venda de produtos e serviços, bem como a construção de casas para população de baixa renda.

Panificadora Lua Crescente: Produção e venda de biscoitos artesanais.



REDES COMUNITÁRIAS

(O Vol. 04 desta coleção é dedicado a este tema.)

Atuação junto à comunidade, visando ao desenvolvimento local e inclusão social das jovens. Destaque para:

Núcleos Comunitários de Geração de Renda:

Incluem laboratórios de estamparia, plantas medicinais e cosméticas, nutrição e costura nas comunidades de baixa renda da região. A informática, a geração de planos de negócios e a alfabetização não-formal fazem parte de todos os núcleos. Participam desses laboratórios, jovens e mulheres em situação de risco auxiliadas por ex-residentes já inseridas socialmente.

Grupo Constelação de Agentes Preventivos:

Projeto de prevenção de uso abusivo de drogas, da violência sexual, da gravidez indesejada nas comunidades carentes, desenvolvido por um grupo de jovens residentes (multiplicadoras), que transformam suas experiências de vida em ações preventivas.



FORMAÇÃO E PESQUISA

Sistematização e difusão da metodologia da Lua Nova, incluindo a sensibilização e capacitação de diferentes estudantes e profissionais da área social. Em paralelo, essa área estimula e desenvolve projetos de pesquisa sobre a problemática do uso de drogas e do adolescente em situação de risco, colaborando com a compreensão da realidade e o desenvolvimento de abordagens e políticas públicas de atendimento.





ESSÊNCIA LUA NOVA – COMO FAZEMOS

COMO AS JOVENS CHEGAM À LUA NOVA

Atendemos a todos: conselhos tutelares, varas da infância, igrejas e outras instituições. Às vezes, não temos vagas, mas encaminhamos para outros locais e acompanhamos o caso. Mas, quando há vaga, não basta chegar, não queremos, de forma alguma, que a jovem e seu filho tenham a sensação que a Lua Nova é o último recurso para eles, que não têm outra opção. Ao chegarem, são avaliados e nos avaliam.

Ocorre, então, a primeira entrevista. A jovem vai embora para pensar se ela, de fato, quer ingressar na casa e, da mesma forma, nós avaliamos se ela tem perfil para ser residente da Lua Nova. Após alguns dias, voltamos a conversar com a jovem e, juntos, tomamos uma decisão. Todos temos o direito de decidir o rumo de nossas vidas, por mais difícil que ela esteja. Temos o direito de querer ou não ficar, mesmo que dizer “não” signifique outra longa caminhada. Quem fica na Lua Nova precisa querer ficar, pois precisa se dispor a trocar, vivenciar, querer dar e oferecer colo.

COMO AS PESSOAS SABEM DA LUA NOVA

Hoje, já somos conhecidos pelo que pensamos e pelo que produzimos. A melhor divulgação é



fazer, estar com as residentes e viver a Lua Nova, pois cada jovem que sai leva um pouco daquilo que construímos com ela e ninguém melhor do que elas para falarem da Lua Nova. Apesar da divulgação ser importante, nossa intenção não é aumentar cada vez mais nosso atendimento. Como nossa missão não é fácil, queremos atender poucas jovens para poder desenvolver métodos efetivos de transformação, que devem ocorrer com elas, conhecendo-as, entendendo suas potencialidades e necessidades. Atendemos em regime de residência 25 mães e 30 crianças em média.

criar parceria com as jovens

Não somos - nem pretendemos ser - os cuidadores das jovens e seus filhos. As mudanças ocorrem porque contamos com elas do nosso lado e não abaixo de nós. Não damos assistência, trabalhamos juntos. As jovens tornam-se personagens principais do processo como um todo, elas devem decidir participar da proposta, decidir continuar, decidir sair e se transformar. Por meio dessa parceria, criamos propostas, ações, projetos numa visão a longo prazo, ao invés de focar apenas o aqui e o agora ou somente o passado. Propiciamos que assumam e vivenciem as próprias escolhas, mesmo que representem um desafio para a equipe.

Nosso objetivo é auxiliar no processo de construção de ferramentas psíquicas, físicas e sociais que possam auxiliar na sustentação das suas escolhas. Acreditamos que, para um real processo de transformação, a troca é um mecanismo essencial. Dessa forma, são estimuladas a assumir sua responsabilidade no processo, bem como a contribuir com o desenvolvimento do outro e da comunidade em que vivem.

TRABALHAR JUNTO

As jovens fazem parte de uma co-gestão participativa. São co-responsáveis pelo dia-a-dia da residência: lavam, passam, cozinham,

ADOLESCÊNCIA É...

“Época de exercícios para a vida adulta, dúvidas, ansiedades, desejos aflorados. Afirmação via contestação. Exageros. O desejo é exagerado: paixões intensas; crença no poder do pensamento. Pensamento confunde-se com realidade; por poder pensar, acham que sempre sabem agir” (ABERASTURY, Arminda. Psicanálise da Criança – Editora Artmed, 1982).

A vivência do prazer imediato impede uma análise de riscos e consequências, quase todos são minimizados. A sensação de onipotência é uma marca: o adolescente pode tudo, com ele nada acontece, pois é capaz de proteger-se de todos os males e todos os riscos... Ele ousa sonhar e torna-se poderoso pelos seus sonhos.

Curiosidade exacerbada: é preciso experimentar tudo e imediatamente. O hedonismo é outra marca. É fase de lançar sementes do amanhã, de descobrir, de exercitar essa habilidade fazendo-se adulto hoje, mesmo sem sê-lo. Sem o espaço para sê-lo. É por tudo isso que se perdem nos limites e correm todos os riscos.

Esse desejo, essa curiosidade, essa aparente onipotência, essa ousadia de sonhar tudo fazem do adolescente um ser amado e odiado, poupadão e abandonado e, muitas vezes, invejado.

Por tudo isso, o adolescente torna-se mais vulnerável e carece de adultos que sejam referências, que sirvam de espelho e sejam capazes de iluminar o seu riso, acolher o seu pranto e provocar o seu espanto, pois será este o melhor caminho para ele buscar o mundo que quer criar.

A energia, o desejo, a onipotência, a curiosidade e o desejo de ser diferente, para poder ser igual, podem aumentar para os adolescentes os riscos a que todos estamos expostos, podem torná-los mais vulneráveis a determinados riscos.

Assim, o trabalho da Lua Nova busca olhar para a pessoa como um todo, entendendo o seu uso de droga, conhecendo seu contexto, sua história, seus desejos, sonhos, frustrações e formas encontradas para viver e, muitas vezes, sobreviver.

arrumam a casa, cuidam e brincam com seus filhos. Mas, também, nos ajudam a fazer a seleção das novas jovens, fazem parte da equipe que seleciona novos profissionais, ajudam a tomar decisões em assembleia para solucionar problemas, até mesmo os financeiros, opinando no corte de custos. Elas têm voz, e a voz delas é ouvida, sentida e respeitada. Isso é ser parceiro e trabalhar junto.

COMO OLHAR AS JOVENS

Elas não são “coitadinhas” que precisam da nossa ajuda. São pessoas poderosas e talentosas que sobreviveram a situações que poucos de nós sobreviveríamos. Por isso, o nosso olhar, assim como o delas, deve estar voltado para a estruturação de talentos, conhecimento de capacidades e habilidades. Elas têm muito a nos ensinar. Para que consigam desenvolver e valorizar tais competências e habilidades, enfatizamos o exercício da autonomia, fazendo com que cada jovem participe ativamente do seu próprio percurso, consciente de que é a responsável pelo seu processo de transformação. Nós auxiliamos as residentes a transformarem seus potenciais em ações e produtos concretos para que possam acreditar neles e, ao mesmo tempo, usá-los como motor da criação de um novo projeto de vida.

LIDAR COM AS EXPECTATIVAS

Cada um de nós tem uma expectativa quando chega a um novo grupo. Temos que saber respeitar e conseguir estar ao lado das residentes, mesmo que elas sejam diferentes de nós, pensem ou sintam de uma forma diferente. Na Lua Nova, elas podem não ser como nós, se isso for o que elas quiserem, isso não impede de crescermos e amadurecermos juntos.

BUSCAR SOLUÇÕES

Cabe às jovens participarem da busca de soluções. É muito difícil resolver os problemas do dia-a-dia, pois cada uma chega com uma

história e experiência de vida diferente. Para trabalhar junto e encontrar soluções, criamos as assembleias semanais, quando problemas são convertidos em propostas de soluções, e a solução mais votada passa a vigorar. Esse processo dá à jovem poder, possibilidade de decisão e senso de pertencimento ao grupo.

MATERNIDADE COMO POTENCIALIDADE

A maternidade, mesmo na adolescência, é um dom, uma potencialidade, uma capacidade que deve ser cultivada e valorizada. Ao resgatar o vínculo entre a mãe e o filho, buscamos, assim, mostrar a importância de “estar com”, “gostar de”, “contar com”, “respeitar”.

Esse vínculo vai se fortalecendo a partir do momento em que ajudamos as mães a compreender e respeitar as capacidades e necessidades das crianças. Também é essencial ela poder se organizar nas tarefas domésticas e na rotina diária de cuidados e estímulos às crianças.

Ao mostrar que esse vínculo não só é possível, mas fundamental para o desenvolvimento de ambos, conseguimos, então, empoderar essas jovens nas suas competências. E, então, podem potencializar e expandir essa relação para com os educadores, os adultos, as pessoas da comunidade, na qual está inserida e do mundo em geral. Com esses novos vínculos, as situações de risco – foco anterior de preocupação – passam a se enfraquecer e a desaparecer durante o processo.

FOCAR A PESSOA E NÃO A VULNERABILIDADE

Questões como pobreza, injustiça social, prostituição ou abuso sexual não ocupam o centro do trabalho na Lua Nova. A pessoa é o foco principal. As vulnerabilidades assumem o pano de fundo de uma história. Dizemos sempre que as jovens que chegam à residência são pessoas que desenvolveram o talento de sobreviver a essas situações vulneráveis e, por isso, é possível que desenvolvam projetos de vida sólidos. Suportar



a vulnerabilidade – especialmente a pobreza – é visto pela Lua Nova como um poder e não como uma fragilidade.

Em relação à sexualidade, por exemplo, tentamos desenvolver ações que promovam o autoconhecimento e a auto-aceitação, fortaleçam a auto-estima, bem como favoreçam à reflexão sobre as relações com o corpo do outro. Tentamos promover reflexões sobre mitos e preconceitos, bem como conscientizar para uma vivência saudável e responsável da sexualidade, incluindo prevenção às DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e à AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) e uso de métodos contraceptivos.

Mais uma vez, seus saberes e vivências são entendidos como talentos, que podem gerar ações multiplicadoras e preventivas.

ENTENDER A DROGA NO CONTEXTO DA VULNERABILIDADE

A definição do melhor tratamento para abuso e dependência de drogas ainda é alvo de muitas discussões no mundo todo, e estudos sobre sua efetividade têm resultados muito pouco animadores (Marques, 2000; Marlatt, 1999). O próprio conceito de abuso e dependência envolve uma série de comportamentos, tornando discutível sua classificação como uma doença (Carneiro, 2002; Silveira, 2005). O uso de drogas poderia, na verdade, ser considerado sintoma e não causa de problemas físicos e psíquicos.

No caso de jovens mães em situação de risco, população atendida pela Lua Nova, tal definição parece particularmente aplicável. A droga surge aplacando dores físicas e psíquicas que as jovens não vêem outro modo de remediar. A droga oferece uma possibilidade – ainda que momentânea – de transformar uma realidade dolorida.

O centro da nossa atenção não é a presença da droga, ela é vista como parte de uma dinâmica de vida. Partindo de uma condição de injustiça e desigualdade social, as jovens se inserem em situações vulneráveis, nas quais sempre encontram a presença e o vínculo “amigo” da droga que, ao mesmo tempo, oferece prazer momentâneo, gera um “pertencimento” social e aponta alternativas de sobrevivência econômica.

Nosso principal objetivo é a construção de um projeto de vida que efetivamente possibilite a transformação da situação de risco. E tal transformação não se reduz à vontade individual, ela é produto da interação de múltiplos fatores sociais, econômicos, culturais e políticos, que vão compor o que chamamos de vulnerabilidade (Paulilo, 2000).

Quando mães e filhos são acolhidos pela Lua Nova, fatores associados ao risco de uso de drogas são substituídos por fatores protetivos: inserção social, vínculos afetivos, garantia de condições básicas de saúde. Confirma-se que a vulnerabilidade não é inerente às pessoas, mas diz respeito a determinadas condições e circunstâncias que podem ser minimizadas ou revertidas. E podemos observar que isso acontece quando há um projeto de vida, dignidade, liberdade de escolha, possibilidade de ser mãe e de ser responsável por seus filhos.

Ao invés de levantar a bandeira: “não use drogas”, trabalhamos para enfatizar a auto-estima, o cuidado com o próprio corpo, o respeito

e o cuidado com o outro. Buscamos esclarecer o conceito de legalidade e ilegalidade, uso ocasional e abusivo, os fatores de risco e fatores protetores no uso de droga, bem como a redução de danos.

O investimento no vínculo materno é um mote que vem se mostrando altamente fecundo. O acompanhamento das duplas de mães e filhos atendidos pela Lua Nova mostra que as jovens são capazes de assumir suas responsabilidades,

PONTOS DE PARTIDA

- Impossível negar que a droga traz prazer.
- Nem todo indivíduo que experimenta alguma droga se torna dependente.
- Os programas de intervenção devem ter como foco o contexto, e não as drogas.
- Usar ou não drogas deve ser uma opção das pessoas; portanto, é preciso dar-lhes instrumentos para que façam escolhas mais assertivas.

trabalhar, cuidar dos filhos e planejar o futuro e, nessa nova circunstância de vida, a droga perde seu papel. As crianças, por sua vez, encontram oportunidade de desenvolvimento integral.

O QUE FAZEMOS DIANTE DO RISCO DAS RESIDENTES USAREM DROGAS DENTRO DA LUA NOVA

É muito raro o uso da droga, quando se tornam parceiras do projeto, pois desenvolvemos ações que não combinam com a droga. Ela não combina com a maternidade, ao contrário, ser mãe é um fator de proteção. Tivemos poucos problemas com jovens que usam droga em saídas de fim-de-semana ou mesmo em passeios. Mas, se acontece, preferimos que aconteça durante o



DESAFIOS PARA UMA INTERVENÇÃO EFETIVA E CONSCIENTE

No Seminário Nacional Drogas e Outras Vulnerabilidades, realizado em Sorocaba (SP), em junho de 2003, Maria José Siqueira apontou os principais desafios que devem ser levados em conta para se fazer uma intervenção efetiva e consciente com relação às drogas:

- **Desenvolver atitudes de autocuidado em relação a si, ao outro e à vida** - Vivemos numa sociedade com injustiças sociais tão marcantes, com intensos apelos ao consumismo e ao sexo, com grande insegurança em relação ao futuro e profunda crise de valores éticos e morais. Para suportar uma realidade tão adversa, buscar “estados alterados de consciência” pode ser a única saída para milhares e milhares de pessoas. Nesse sentido, é essencial promover atitudes de autocuidado como alternativa de vida.
- **Poderio econômico envolvido no tráfico de drogas** - Hoje, sabemos que o tráfico é uma das maiores economias do mundo, fazendo circular por volta de 500 milhões de dólares anuais. Dinheiro esse que circula na clandestinidade e que alimenta uma rede de violências, difícil de ser controlada devido à ilegalidade do produto que comercializa.
- **Mercado de drogas sintéticas em expansão** - A cada ano, novas drogas sintéticas são lançadas no mercado e divulgadas entre o público jovem.
- **Efeito diversificado das drogas** - Classificadas em estimulantes, depressoras e perturbadoras ou alucinógenas, as drogas trazem diferentes efeitos ao Sistema Nervoso Central. O efeito da droga é uma das informações importantes a serem conhecidas para tornar a intervenção junto ao usuário mais efetiva.
- **Vontade política dos governantes** - Promover uma maior justiça social, prover a sociedade de suas necessidades básicas (alimentação, moradia, educação de qualidade, saúde, segurança e trabalho dignamente remunerado) e estimular a participação das pessoas na construção da sua história e na história do seu tempo.
- **Organização social** - É preciso estimular uma organização social que garanta a participação das comunidades na identificação de potenciais riscos físicos e sociais e em sua eliminação ou minimização. Desarticuladas, as comunidades continuam a esperar que o “governo” elimine ou minimize os riscos a que estão expostos, colocando-se como vítimas que necessitam de cuidados de um estado paternalista.
- **Fontes alternativas de lazer** - Principalmente os jovens carecem de estímulo para diversificarem fontes de prazer saudável e protegido, possibilidades de desenvolver sua criatividade, maiores oportunidades de contato com a arte e com a natureza. Atualmente, as fontes de lazer oferecidas ao usuário de drogas estão muito vinculadas ao consumismo e dependentes de dinheiro.
- **Ausência de papel social** - O jovem não tem um papel social que o torne respeitado e que colabore com o desenvolvimento de uma auto-estima positiva. Hoje, o usuário de drogas é estimulado a relacionar sua auto-estima ao que pode consumir, e não ao que pode construir. Quanto mais puder comprar, mais valor terá.
- **Construção de um papel social que auxilie o desenvolvimento psíquico e social do usuário de drogas na construção do seu projeto de vida** - Uma pessoa sem projeto de vida está sujeita facilmente aos fatores de risco que podem levar ao uso de drogas, impedindo o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade – características essenciais para o exercício da cidadania.

processo de estadia na Lua Nova, pois se a droga ainda é importante para a jovem, temos que tentar entender essa relação.

TRABALHAR O CONCRETO

É necessário trabalhar com o concreto para transformar. A geração de trabalho e renda é condição essencial para a conquista efetiva de um novo projeto de vida. Por isso, inserimos ações de profissionalização e geração de renda no processo de transformação que buscamos com as jovens.

Nesse sentido, montamos pequenos negócios com a premissa de oferecer recursos às jovens por meio de seu trabalho. Inicialmente, servem para que possam aprender o processo de trabalho, as regras para produzir e trabalhar em equipe. Aos poucos, transformam-se em empreendimentos administrados pelas próprias jovens, que compartilham a renda gerada. Esse é um ponto fundamental: toda a renda do empreendimento vai para as parceiras envolvidas, pois a instituição se mantém com a captação de recursos.

Além de renda, percebemos que a conquista de moradia era outra ação concreta essencial. Desenvolvemos, assim, uma tecnologia que possibilita a construção de casas por jovens mulheres. Por meio de parcerias e captação de recursos, começamos a procurar terrenos para construir essas casas – conquistadas com muita dedicação e persistência. Além de baratear o custo da moradia, a iniciativa demonstra, simbolicamente, o potencial dessas jovens de poder morar e criar seu espaço com seu filho, tijolo por tijolo.

DOAÇÕES

As doações recebidas pela Lua Nova sempre são vendidas às jovens. Como todas elas desenvolvem uma ação de geração de renda, elas têm como comprar seus pertences. Uma camiseta ou vestido pode custar dez centavos, mas ao comprá-los (ao invés de ganhá-los), as jovens percebem que podem ter coisas por meio

de seu esforço e sua capacidade e não pelo tráfico ou mendicância, tão comuns nessa população.

TRABALHAR EM REDE

Não somos capazes de fazer tudo – não seria possível, nem sadio. Por isso, temos que trabalhar articulados com outros serviços, creches, conselhos, hospitalais, pastorais, promotoria e tantos outros. Acreditamos que uma boa idéia é aquela que permite que outras idéias se insiram, reforçando, cada vez mais, a nossa identidade. Essa postura evita o “estrelismo”, possibilita a troca, a construção de um fazer compartilhado e



construtivo. Dividir funções não só amplia nosso raio de ação como, também, mostra às nossas parceiras que a vida é uma grande rede e cada um está lá para desenvolver e atuar na sua ação específica. É fundamental saber estar com os outros, pois assim, conseguimos mostrar a elas o quanto conseguirão, pois vão criar suas redes para apoiar e ser apoiada.

REDE SOCIAL DAS JOVENS

Buscamos que a jovem e seu filho estabeleçam sua própria rede social. Não deve ser a “menina da Lua Nova”, mas sim deve ser uma jovem



poderosa, uma mãe talentosa que enfrenta a vida de várias formas. E só é possível viver se há uma rede para apoiar e para ser apoiado.

COMO OLHAR AS FAMÍLIAS

Muitas das jovens chegam de situações de violência, abuso e exploração sexual, são vítimas do tráfico, da prostituição e da pobreza extrema. Acreditamos, portanto, que se até então a família não conseguiu estar perto, não devemos depender dela para desenvolver um programa. As jovens devem ser autônomas e, na medida em que vão assumindo seu espaço na sociedade, decidem se querem ou não retomar a família de origem.

QUANTO CUSTA

Hoje, o atendimento de uma mãe e um filho (incluindo alimentação, despesas com medicação, residência e transporte) custa em média R\$ 800 por mês. Cabe lembrar que também utilizamos os recursos da comunidade, como postos de saúde, médicos e hospitais públicos. O tempo de permanência é aproximadamente de um ano, e a jovem pode gerar sua renda após um tempo de estadia. Incentivamos as residentes a investirem suas economias em poupança e auxiliamos no desenvolvimento da capacidade de viver sozinha com seu filho.

NOVAS IDÉIAS

O apoio do setor privado a espaços de residência, como abrigos, tem diminuído, pois são projetos caros. Por isso, temos buscado novas alternativas como a construção de casas pelas próprias jovens e a organização de condomínios sociais. Cada condomínio reúne 12 casas, onde as jovens vão morar com seu(s) filho(s), reduzindo o tempo na residência coletiva. Diferente das repúblicas (onde várias jovens moram juntas), as casas em condomínio garantem um espaço próprio para cada jovem com seu(s) filho(s). Mas, em condomínio, estabelecem regras de convivência e se apóiam mutuamente.

COMO NOS MANTEMOS

Sustentamos nosso trabalho por meio de convênios, parcerias, trabalho voluntário e doações, mas nossa principal receita de sustentabilidade é um trabalho sério, transparente e participativo. Sem a parceria com as jovens, tomando decisões individuais e sem aderir a projetos, seria quase impossível ter sobrevivido até hoje. Certamente, passamos por constantes dificuldades financeiras, mas ter um grupo criando soluções nos mantém em pé.

IMPORTÂNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

As pessoas pensam, muitas vezes, que por ser uma organização não-governamental, a própria equipe técnica (de psicólogos, assistentes

sociais e educadores) poderá administrar o projeto. Mas, arriscamos dizer que administrar uma organização social é muito mais difícil do que uma empresa. Comumente, precisamos trabalhar com recursos que ainda não chegaram, sempre lidando com imprevistos. Administrar recursos que não são nossos. A transparência e a clareza na prestação de contas são vitais, mantendo-se sempre junto dos apoiadores. Ter uma boa estrutura administrativa e contábil, portanto, é um dos melhores investimentos que uma organização social pode fazer.

CONFIGURAÇÃO DA EQUIPE

Antes de seu currículo, os profissionais devem apresentar suas propostas e idéias para o desenvolvimento da entidade. Ser transparente,





honesto e acreditar que as jovens e seus filhos têm talentos são os principais critérios de seleção. A equipe é sempre enxuta, e está sempre em formação. Além de cursos fora, reúnem-se constantemente dentro da Lua Nova, quando se capacitam, fazem supervisão de casos, trocam informações e propostas com os demais. Cada um se revê o tempo todo como pessoa, profissional

e participante da Lua Nova. Por isso, quando a Lua Nova quer contratar alguém (não como funcionária técnica, mas como integrante dos projetos de geração de renda, moradia e atuação na comunidade) também dá a possibilidade a jovens que já foram residentes. Hoje, 40% da equipe é composta por jovens mães.



CAMINHO CERTO?

Uma pergunta muito comum, mas bastante ingênua, é querer saber o índice de sucesso do nosso trabalho. Não adianta esperar indicadores exatos ou resultados imediatos. O que percebemos é que cada menina e seu filho que chegam à Lua Nova vão encontrando, fazendo e recebendo “focos de luz”, como novas possibilidades de lidar com a escola, a maternidade, a relação com a droga, a prostituição, com o trabalho, a moradia e tudo mais da vida.

Se pensarmos que cada foco de luz tem uma cor, o sucesso seria uma família arco-íris. Mas ela não existe. Não podemos ser ingênuos e imaginar que, após uma vida de muita dor, a vivência de um ano na Lua Nova vai transformar essas pessoas em anjos coloridos. Por isso, quando alguém nos pergunta sobre o índice de sucesso – e geralmente são os patrocinadores – respondemos: Sob que aspecto você pergunta?

Podemos ter mães que saem da Lua Nova trabalhando, bem com os filhos, mas sem moradia digna. Muitas podem não ir à escola, outras podem estar com o filho, mas sem trabalho. Outras vezes, a “ficha cai” só depois de um tempo após a saída. Mas, todas saem da Lua Nova certas de que puderam dar um pouco de luz e também sair com ela.

NÚMEROS LUA NOVA

Período: 2000 a 2005

- **2.703** pessoas atendidas diretamente nos diversos programas (incluindo recém-nascidos, crianças, adolescentes e adultos).
- **175** jovens e **234** crianças residentes na instituição.
- **154** moradores da região atendidos mensalmente pelos projetos desenvolvidos pela organização.



TRANSFORMANDO VIDAS

Sem esperar resultados milagrosos, iguais para todas, buscamos constantemente saber como as jovens estão vivendo a experiência da Lua Nova e conseguindo transformar as suas vidas.

Mensalmente, as jovens se auto-avaliam e são avaliadas pelos educadores. A cada seis meses, por sua vez, elas revêem seu projeto de vida e, a cada dois anos, desenvolvemos uma pesquisa onde contatamos todas as jovens que já passaram pela Lua Nova para acompanhá-las e avaliar o impacto do trabalho.



A PIOR AVALIAÇÃO

Se ao sair da Lua Nova, a jovem nos diz que deve tudo o que conquistou a nós, significa que falhamos. Não estivemos juntas. Não conseguimos a parceria. Quem transforma, quem se esforça, quem batalha por algo melhor é a jovem. Por isso, ficamos contentes quando ela diz: - Fizemos um bom trabalho.

METODOLOGIA

Para começar, definimos alguns critérios a serem observados:

- Moradia
- Criança na escola ou creche
- Trabalho
- Lazer
- Vínculo com a família de origem
- Vínculo Mãe e Filho
- Convívio Social
- Drogas
- Prostituição
- Contato com a Lua Nova

É feito o contato com a própria menina, a cada dois anos, ou com uma pessoa de referência dela na cidade, uma vez que atendemos todo o Estado de São Paulo. Dependendo da resposta dada, é atribuída uma pontuação:

- | | |
|---------------------------|---|
| • Regularmente | 3 |
| • Esporadicamente | 2 |
| • Não freqüenta/ acontece | 1 |
| • Não informada | 0 |

(No caso de prostituição e droga, a pontuação inverte e fica 1, 2, 3 e 0 respectivamente).

Dada a pontuação para cada critério, fazemos a contagem de pontos para ver se ela se encontra ou não em situação de risco:

- | | |
|------------|------------------------|
| • 26 ao 20 | não risco |
| • 20 ao 13 | limite do risco |
| • 13 ao 06 | risco |
| • 06 ao 0 | situação de emergência |

AVALIANDO IMPACTO

Na última pesquisa realizada, avaliamos o impacto do trabalho de 2000 a 2005. Nesse período, 175 jovens e 234 crianças viveram na Lua Nova. Acompanhando esse grupo, observamos importantes conquistas nas suas vidas. Destas, apenas 20% estão em situação de risco, segundo nossos parâmetros, e nenhuma em situação de emergência.

Após sair da Lua Nova:

Moradia	Freqüência em atividades de lazer
• Própria ou alugada: 86 jovens	• Regular: 31 jovens
• Provisória: 45 jovens	• Esporádica: 68 jovens
• Em situação de rua: 24 jovens	• Nenhuma: 56 jovens
• Não informado: 20 jovens	• Não informado: 20 jovens
Freqüência do filho na escola	Trabalho
• Regular: 122 crianças	• Trabalho formal: 31 jovens
• Esporádica: 07 crianças	• Trabalho informal: 94 jovens
• Não freqüenta: 26 crianças	• Desemprego: 30 jovens
• Não informado: 20 crianças	• Não informado: 20 jovens
Prática de Prostituição	Contato com a Lua Nova
• Não pratica: 134 jovens	• Freqüente: 67 jovens
• Pratica em boates: 09 jovens	• Esporádico: 37 jovens
• Pratica na rua: 12 jovens	• Nenhum: 48 jovens
• Não informado: 20 jovens	• Não informado: 23 jovens
Convívio social	Vínculo com a família de origem
• Entrosamento com a comunidade: 58 jovens	• Freqüentes contatos: 51 jovens
• Poucos contatos: 66 jovens	• Contatos esporádicos: 68 jovens
• Nenhum contato: 31 jovens	• Nenhum contato: 36 jovens
• Não informado: 20 jovens	• Não informado: 20 jovens
Vínculo mãe e filho	Uso de Drogas <i>(inclui álcool, não inclui tabaco)</i>
• Relação afetiva: 95 jovens	• Não usa: 97 jovens
• Ambivaléncia entre afetividade e agressividade: 42 jovens	• Uso regular: 32 jovens
• Relação violenta: 18 jovens	• Uso freqüente: 26 jovens
• Não informada: 20 jovens	• Não informado: 20 jovens
Processo de profissionalização <i>(Número de funcionárias que já foram meninas residentes)</i>	
• Criando Arte: 23 jovens	
• Educadoras (projetos educativos): 06 jovens	
• Educadoras de rua (multiplicadoras): 12 jovens	
• Shopping Sorocabá: 04 vendedoras	
• Escritório: 05 auxiliares administrativas	
• Central de vendas: 07 vendedoras	

Voltar a sonhar

Tenho 20 anos, sou mãe de dois filhos, um menino que tem cinco anos e uma menina que tem três anos, e estou esperando o terceiro, que vai nascer em dezembro. Estou morando na Lua Nova e vou lhe contar brevemente a minha história.

Eu nasci numa família muito humilde e, desde o começo, foi uma luta muito grande pela sobrevivência. Eu e meus quatro irmãos pedíamos esmola na rua para ajudar a nossa mãe. Quando eu estava com 10 anos de idade, minhas irmãs foram morar num orfanato. Eu fiquei em casa, vendendo papelão para ajudar a minha mãe. Nossa vida era uma miséria, em casa não tinha água, nem luz.

Certo dia, eu estava pedindo esmola na rua, quando um senhor pediu que eu fosse na casa dele e em troca ele me daria algum dinheiro. Foi assim que me envolvi na prostituição. Eu não gostava de fazer isso, mas aquele dinheiro era muito importante para nós.

Quando eu tinha 13 anos, conheci o pai do meu primeiro filho, mas mesmo assim continuava a me prostituir. Foi nessa idade, também, que me envolvi com o álcool.

Aos 17 anos, conheci uma jovem que vendia drogas e me convidou para vender com ela, disse que dava muito dinheiro e acabou me convencendo. Realmente, o dinheiro era bom, eu pagava as contas em casa e dava para sustentar meu filho. Só parei de traficar quando ela foi presa, pois fiquei com medo que isso pudesse acontecer comigo também.

Com 18 anos, minha filha nasceu. Naquela época, minha mãe arrumou um cara e saiu de casa para morar com ele. Fiquei muito triste. Fiquei com meus tios, mas eles bebiam muito e me batiam. Como não estava dando para ficar lá, fui embora. Meu filho ficou com o pai e minha menina com uma família. Eu fiquei na rua.

Foi, então, que eu conheci o pai dessa filha que estou esperando. Eu fiquei um tempo na casa dele, mas o relacionamento não deu certo. Fui embora sem saber que estava grávida. Procurei a Secretaria da Criança e do Adolescente e pedi ajuda. Eles me mandaram para uma pensão e fiquei lá até conseguir meus filhos de volta. Foi aí que o Conselho Tutelar me trouxe para a Associação Lua Nova, que é onde estou até hoje.

A Lua Nova tem me ensinado muitas coisas. Aqui, eu aprendi a cuidar melhor dos meus filhos, aprendi a viver em comunidade, sempre respeitando o próximo, aprendi a batalhar pela vida, deixei o passado de lado e, agora, aprendi a viver um dia de cada vez.

Não perco as esperanças de que um dia meus sonhos se realizem, que é ter minha casa para que eu possa morar junto com meus três filhos, ser cantora e até mesmo conhecer a Bahia. Aqui, na Lua Nova, sinto vontade de viver e correr atrás dos meus sonhos, enquanto lá fora, não pensava em nada.

(Residente da Lua Nova)

BIBLIOGRAFIA

- CARNEIRO, H. **A fabricação do vício.** 2002. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/t_hen1.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2007.
- FUNDAÇÃO ABRINQ. **Comunidade Lua Nova:** uma experiência de acolhimento a jovens mães em situação de risco social. São Paulo: Fundação Abrinq, 2004.
- MARLATT, G. A. **Redução de danos:** estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 32-36, 2000.
- NAPPO, S.A.; GALDUROZ, J. C.; NOTO, A. R. Crack use in São Paulo. **Subst. Use Misuse**, New York, v. 31, n. 5, p. 565-579, 1996.
- NEWCOMB, M. D. **Identifying high-risk youth:** prevalence and patterns of adolescent drug abuse. In: Adolescent Drug Abuse: Clinical Assessment and Therapeutic Interventions. p. 7-32.
- NOTO, A. R. et.al. Use of drugs among street children in Brazil. **J. Psychoactive Drugs**, San Francisco, v. 29, n. 2, p. 185-192, 1997.
- PAULILO, M. A. S.; JEOLÁS, L. S. Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade: aproximações teóricas. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 39-60, 2000.
- SILVEIRA, D.; MOREIRA, F. G. Reflexões preliminares sobre a questão das drogas psicoativas. In: SILVEIRA, D.; MOREIRA, F. G. **Panorama atual de drogas e dependências**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 3-7.

VIVAVOZ

LIGUE PRA GENTE. A GENTE LIGA PRA VOCÊ.

0800 510 0015

Orientações e informações sobre a prevenção do uso indevido de drogas

Lua Nova

Dando forças para quem tem vontade
www.luanova.org.br

luanova@luanova.org.br
55 15 32327567 | 32345976



Secretaria Nacional
de Políticas sobre Drogas

Secretaria Especial
dos Direitos Humanos

